

NARRATIVAS HISTÓRICAS SOBRE GRUPOS ESCRAVIZADOS A PARTIR DA CULTURA MATERIAL

Congresso Internacional Online de História, 1ª edição, de 28/06/2021 a 30/06/2021

ISBN dos Anais: 978-65-89908-48-7

SILVA; Leandro Vieira da Silva¹

RESUMO

O resumo apresenta como a história de grupos escravizados no Brasil, indígenas e africanos, está sendo narrada através da cultura material e propõe uma alternativa à metodologia vigente. A perspectiva predominante envolve ideias de aculturação e de assimilação, procura demonstrar essencialmente o grau de dissolução das manifestações culturais dos escravos, diante da brutal colonização portuguesa. Como ocorre nessas propostas, a trajetória cultural é excessivamente linear, cuja direção neste caso é a progressiva “europeização” dos escravos. Além desse substrato teórico, há um problema metodológico mais profundo e diz respeito em relação ao embate entre o registro documental e o arqueológico. A aceitação acrítica ou a rejeição às fontes escritas, reflete o dissenso que existe quanto ao seu uso na pesquisa arqueológica. Dessa forma, uma alternativa frente ao pensamento linear, seria enfatizar os momentos de descontinuidades, ou seja, buscar nos encontros coloniais a explicações para desenvolvimentos posteriores. Nesta abordagem assume-se o papel da agência e da cosmologia para justificar as escolhas dos escravizados em aceitar, adaptar ou refutar bens europeus. Evita-se aplicar sistemas de classificação que coloquem elementos derivados da cultura europeia como referência e vincula-se os objetos às vivências dos escravos, que os usaram por meio de uma resignificação funcional ou simbólica. A articulação entre fontes documentais, iconográficas, da tradição oral e da cultura material proporcionam melhor contextualização para interpretar significados sociais e torna-se mais apropriado em situações em que o objeto de estudo e o responsável pela investigação não fazem parte do mesmo sistema cultural, de classe, de gênero ou de grupo étnico. Entretanto, essa proposta teórico-metodológica apresenta o risco de encorajar explicações que colocam os encontros coloniais como o único evento capaz de explicar a mudança na cultura material, em vez de reconhecer a existência de outros fatores que também possam contribuir para tal. Na busca pela resiliência escrava ou por continuidades culturais, alguns pesquisadores tentam identificar marcadores étnicos, algo que pode ser problemático, já que a etnicidade é um conceito êmico. Acredito que mudanças deliberadas na cultura material igualmente possam refletir comportamentos de resistência frente à estética imposta pelo colonizador. Em minha experiência, ao analisar os vestígios da Casa da Torre de Garcia D’Avila e aliada ao uso de diversas fontes, vários artefatos demonstraram a criatividade dos escravos, com a formação de uma nova linguagem de cultura material e que recebeu influências simultâneas de africanos,

¹ IEF-MG, leandro.vieira@meioambiente.mg.gov.br

europeus e indígenas. Evidenciar esses aspectos exige uma reavaliação das abordagens conceituais, especialmente aquelas que parecem condenadas a repetir simplificações e reforçar pensamentos de oposição. Portanto, o desafio para a Arqueologia Histórica é compreender diferentes contextos e experiências, aliada ao acesso às múltiplas fontes em perspectiva interdisciplinar, expondo assim os silêncios e as distorções que preencheram as páginas das narrativas históricas sobre a colonização portuguesa no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Histórica, História dos escravos, Cultura Material